

## DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA, PESQUISA E ENSINO

Gustavo Martin Quesada <sup>1</sup>

Como tudo nos dias de hoje, a ciência também anda com o seu paradigma dominante sendo tremendamente questionado. Até bem pouco tempo a ordem era o normal e a desordem o anormal. Como diz o Capra, a divisão "cartesiana" permitiu aos cientistas tratar a matéria como algo morto (ordenadamente estável) e inteiramente apartada deles mesmos. Isso nos permitiu ver o mundo material como uma vasta quantidade de objetos reunidos numa máquina de enormes proporções e politicamente nos isenta dos fatores ou seus efeitos. Apesar dos elementos não aparecerem na natureza nas suas formas puras, a química ordena-os, para primeiro apresentá-los como componentes ácidos e básicos. Apesar da sua instabilidade iônica, essas moléculas passam a ser "normais" para, num segundo momento, reagirem com a polaridade complementar e gerar um sal. "Sais" é o que qualquer criança vê todo dia na mesa e até pode brincar com os seus cristais. Não é efeito, é origem. Só que a ordem foi ideologicamente invertida.

Jung morreu buscando um princípio que explicasse a "casualidade". Para ele, a aleatória casualidade estava desprovida de prestígio entre os cientistas, que só alocavam status a direcionadas "causalidades". Expressões sentimentais ou do subconsciente são de difícil enquadramento dentro dessa ortodoxia. Avanços e retrocessos sempre houveram ao longo da história da ciência. O que importa é o seu registro para que outras gerações ou "castas" possam estudá-los e re-examiná-los. Além das coordenadas, René Descartes também nos deixou uma frase antológica "Cogito, ergo sum" (penso, logo existo), que já deve ter resgatado mais do que um intelectual de suas fases de depressão profunda. A palavra é um dom da humanidade; a palavra escrita é uma conquista dessa mesma humanidade. Em algumas tribos amazônicas, uma coisa adquire concretude quando tem uma palavra para designá-la. Conceitos científicos definem eventos, fenômenos ou processos. Apesar das sutilezas limitantes entre significantes e significados, na definição de signo proposta por Saussure, os conceitos ganham permanência e abrangência através da sua tramitação via linguagem falada e escrita. Um bom cientista tem que dominar as duas. Ele fala na sala-de-aula e ele escreve publicando a sua produção científica.

Da Produção Científica - Como vimos, um cientista necessita comunicar-se para corrigir e ampliar o campo de suas idéias. Mas, existe escola para cientistas? Não, além de cursos de Mestrado e de Doutorado, a escola é a própria vida e a Universidade pouco faz para melhorar esse processo formativo. Por motivos conjunturais, na maioria delas **contrastase** o "bom professor" e não necessariamente o "bom cientista". Este, por natureza, tem que gostar de pensar, ser honesto, inquisitivo, utópico e não ter receio de se expor. O exercício da cátedra

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Faculdade de Comunicação Social - UFSM.

pouco auxilia o principiante em incrementar essas virtudes. A maioria delas são aprimoradas via "produção científica".

Ao acervo legado através do tempo por um cientista ou grupo de cientistas é que denominamos produção científica. Para isso, o indivíduo tem que ser ativo, criativo e participativo. Num país terceiro-mundista como o nosso, também quer dizer que ele não pode se dar ao luxo de tocar um só instrumento: tem que redigir projetos, negociá-los, gerenciar trabalhos de campo, contabilizá-los, processá-los informaticamente, aprender sintaxe e ortografia, agenciar passagens e diárias pessoalmente... Tudo isso para poder se igualar com o que um primeiro-mundista faz: pesquisa, palestra e pública. Muitos de nós sucumbimos durante a primeira batelada de operações antes de chegar na segunda. Como vencer essa barreira?

Tudo tem um começo e, como é sobejamente sabido, a primeira volta da roda é mais difícil do que a seguinte. Lembro-me do meu primeiro "paper": de um agrônomo para uma revista de sociologia. Até que tinha passado razoavelmente pela "análise dos resultados" e pelas "conclusões", mesmo escrevendo em inglês. Até aí os colegas de trabalho servem de ajuda. É bom manter um bom relacionamento com os mais experientes e com os "oriundi". Depois, um determinado momento em que o cordão umbilical seca e surge a pergunta "para onde mandar?". A primeira tentação é para o periódico mais perto e conhecido. Sugiro o contrário, principalmente para iniciantes: submeta seu trabalho para o mais prestigioso, mesmo que longínquo.

As dores com a cicratização são as mesmas independentemente do corpo editorial da revista ser de gabarito provincial ou internacional... A gente se "auto-odeia" do mesmo jeito por ter decidido enviar "aquela pérola rara para aquele bando de ignorantes". O melhor exemplo de ego destruído é após receber a primeira nota de rejeição. Leva uns dois meses para se recuperar, mesmo antes tendo apresentado em algum congresso especializado. Mas, quando as cinzas da erupção se assentam, o autor passa a reconhecer que "alguns" daqueles comentários podem ser razoáveis. Feitas as correções, não tem mais para onde mandar, se começou por baixo. Caso contrário, então se escolhe o segundo melhor periódico da área. E assim sucessivamente pois aí você já foi "mordido" pelo vírus do processo científico. Imediatamente você é absorvido para dentro de um "colégio invisível" de especialistas da área. De uma hora para outra você passa a dialogar com um desconhecido colega daquele isolado laboratório no Afeganistão.

Como terceiro-mundistas, dentro dessa linha de atuação, não se pode esquecer de "traduzir" essa produção de saberes para as populações que lhe sustentam todo o esforço de pesquisa.

Mesmo que seja justificável a adequação do trabalho para diferentes platéias, o que não se pode é sucumbir à tentação de engordar o currículo com um leque de "papers" que nada mais são do que o original com algumas alterações de palavras-chave no título, ou então submetê-los para apresentação e nunca ir aos congressos correspondentes. Esses comportamentos estancam a divulgação de saberes, são desonestos e pouco científicos. Socializar a informação discutindo-a em painéis e simpósios é parte da produção científica. "Abstracts" só são considerados "publicações" aqui no Brasil. Esses "resumos" adquirem valor científico quando acompanhados do trabalho completo, com o seu emaranhado teórico, tratamento dos dados e conclusões. Só assim outros componentes da comunidade científica poderão aceitá-los ou criticá-los. Hoje, nós sabemos o que disseram Descartes ou Jung, pela sua produção científica. Alguém sabe o que pensaram os seus concidadãos Pierre de Clos ou Wolfgang Matterhorn?

Da Pesquisa ao Ensino - Visto por esta ótica, o ensino é o último elo da tramitação do saber. Não o primeiro. É mister pensar, averiguar, testar, pesquisar, publicar, corrigir para depois socializar esses saberes também com os novos membros da sociedade acadêmica. Claro que muitos projetos podem se originar dentro da sala-de-aula, desde que devidamente documentados. Existem muitos livros que nada mais são do que o resultado "filtrado" de anos de convívio com certos temas dentro da sala-de-aula. Outros surgem como síntese ao trabalho de acompanhamento em variadas pesquisas de campo. Pena que a nossa Universidade que reconhecendo a função de "administrador" e não a de "pesquisador", pouco faz para premiar nas PREPs o tempo investido em publicar. Aulas com projetos conjuntos são bem mais engajantes do que aulas para cumprir um determinado currículo... A menos que a gente goste de pipetar ácidos e bases para depois descobrir o sal na mesa da refeição.